



RESENHA

Boletim do GEPLÉ, número 10, 2022, monográfico, dedicado à ADE (com 8 artigos e resenhas)
Disponível em: <https://www.ecoling.unb.br/images/BG10.pdf>

Resenhado por Mayara Macedo Assis (UFG, PPGLL, NELIM, CAPES)

Já faz dois anos que este número monográfico do *Boletim do GEPLÉ* foi publicado, mas, dada a importância dos tópicos que ele abrange, os organizadores de *ECO-REBEL* consideraram válido apresentá-lo aos leitores da revista. Afinal, a Análise do Discurso Ecolinguística (ADE) de que ele trata ainda é muito jovem, portanto, quanto mais divulgação se fizer dela, melhor. A propósito, no próximo número (v. 11, n. 1, 2025), teremos a resenha de outro livro dedicado à ADE: *Análise do discurso ecolinguística: Teias e trilhas do ecossistema mental*, de Elza Kioko do Couto e Maria Ivoneti Ramadan (Campinas: Pontes Editores, 2024).

GEPLÉ é o *Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Ecolinguística*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (UnB), cujo boletim é organizado pelos pesquisadores Hildo Honório do Couto e Anderson Nowogrodzki da Silva. O número em questão foi publicado dia 1º de abril de 2022 e foi inteiramente dedicado à Análise do Discurso Ecolinguística (ADE), sendo constituído por um poema, uma introdução, 8 artigos e, por fim, uma menção a resenhas já publicadas sobre a ADE. O conteúdo de cada uma dessas contribuições será apresentado doravante.

O poema que abre o volume intitulado *Guerra* é de autoria de Francisco Gomes de Matos. O autor é apresentado como um pioneiro da Linguística Aplicada e da Ecolinguística, cujo trabalho tem se dedicado à promoção de uma linguística da paz, o que está em consonância com os princípios da ADE, que valoriza a vida, a harmonia e a diversidade. Dessa forma, um poema que versa sobre a desumanização da guerra é a abertura perfeita para os conteúdos que virão a seguir.

Na *Introdução*, é explicado que o número comemora 9 anos de existência da ADE (agora 11), anteriormente chamada de *Linguística Ecolinguística Crítica* e também *Análise do Discurso Ecológico*. Dessa forma, além de dar um panorama geral da disciplina e suas aplicações, a publicação também celebra todo o percurso da ADE de 2013 a 2022, dando ênfase à aplicação da teoria em análises de casos concretos, evidenciando os seus desafios e ao mesmo tempo as suas possibilidades. Nesta seção há também uma breve apresentação da temática dos artigos presentes no volume e suas contribuições.

O primeiro artigo é intitulado *Novas reflexões sobre Análise do Discurso Ecológica – ADE*, assinado por Hildo Honório do Couto. O texto dá uma visão panorâmica do que é a ADE e quais foram os seus principais avanços, passando por alguns conceitos-chave, tais como: ecometodologia, ecoideologia, texto-discurso e visão holística. Dentre os tópicos abordados, o autor ressalta que um diferencial da ADE é a inclusão dos três ecossistemas na análise: parte do ecossistema natural para se chegar ao social, incluindo também a dimensão mental, que é a mediadora entre os dois. Apesar da preferência pelo texto-discurso dialógico, qualquer texto-discurso pode ser analisado e seus conceitos e categorias são em grande parte compartilhados com a LE, mas a disciplina tem as suas especificidades, tais como os princípios da defesa incondicional da vida e luta contra o sofrimento evitável.

No que diz respeito à ecoideologia, Couto explica que as relações de poder político-ideológico podem ser mobilizadas, desde que subordinadas à ideologia da vida. A possibilidade de se recorrer a diversas metodologias e disciplinas quando necessário (multimetodologia e multidisciplinaridade), por sua vez, se articula com a visão ecológica de mundo (VEM) própria da ADE, pois o pesquisador pode se valer de uma teoria-metodologia específica para analisar um dado, mas deve interpretar seus resultados de modo abrangente e holístico, a perspectiva da VEM. Por fim, são tecidas algumas considerações acerca do caráter de engajamento da ADE, segundo o qual cabe ao pesquisador sugerir modos de intervenção quando identificada uma situação de desarmonia. Conflito e ruptura existem naturalmente e são gatilhos para a evolução, o que significa que a ADE não necessariamente toma um partido, mas sim vai na direção do equilíbrio, da comunhão e da homeostase. Trata-se, de certa forma, de uma ciência da vida.

No segundo artigo, *O conceito de Discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica*, de Anderson Nowogrodzki da Silva, é esmiuçado o termo *discurso*, nem sempre tão claro para os novos leitores e estudiosos da Análise do Discurso (AD), seja em qual vertente for. Pensando nisso, Silva explana o conceito de discurso em diferentes perspectivas: para Foucault, para a Análise do Discurso de linha francesa, para a Análise Crítica do Discurso (ACD), para Bakhtin e, por fim, para a ADE. Antes de adentrar nos conceitos em si, o autor faz uma breve apresentação da ADE, reforçando a importância de dar atenção aos conceitos de base, ao ponto de partida, para melhor compreensão do objeto de análise e operacionalização da teoria. Em sequência, explica que o objetivo de abordar o conceito de discurso em diversas perspectivas é observar os pontos de convergência e dissonância com outras vertentes da AD.

Sem delongas, apresenta de modo didático e sucinto as diferentes definições. Para Foucault, o discurso é um conjunto de enunciados no qual é possível encontrar regularidade, sendo uma representação social, histórica e cultural da realidade. A AD Francesa segue a mesma linha de raciocínio, mas acrescenta a noção de sujeito, que é múltiplo e dinâmico, comportando diversas posições e inserido em relações de poder. Para a ACD, o discurso engloba a dimensão do texto, da prática discursiva e da prática social, o que significa que reproduz a sociedade como ela é, mas permite sua transformação. Para Bakhtin, é uma construção linguística vinculada a um contexto social e formada nas relações dialógicas.

De modo geral, para todas as vertentes o discurso vai além da língua, do texto e do dizer, pois transcende os elementos linguísticos estruturais. Dessa forma, cada AD tem o mesmo objeto de análise sob perspectivas diferentes. O autor encerra com uma definição sucinta e didática do discurso para a ADE: “a relação entre os modos de ver/interpretar o mundo (perspectivas) em dado ecossistema linguístico e como se pode interagir comunicativamente/agir a partir deles” (p. 19), enfatizando a importância do texto-discurso e do pesquisador ativo, que age sobre a realidade.

O terceiro artigo, *Contribuições para a discussão em torno da Análise do Discurso Ecológica*, de Rui Ramos, explicita logo de início que pretende levantar questões e não dar respostas

definitivas sobre a ADE. O autor retoma a conferência de Einar Haugen, em 1970, que abordou a relação entre língua e ambiente e abriu as portas para o surgimento da Ecolinguística. Feito isso, destaca alguns pontos que considera de destaque na ADE, tais como: a consideração dos meios ambiente natural, mental e social, a visão da língua como repositório da experiência de uma comunidade, dentre outros.

O autor fala também sobre alguns pontos que considera polêmicos ou carentes de maior explicitação na ADE, dando ênfase à “multimetodologia”, à “multidisciplinaridade” e ao engajamento do pesquisador. As primeiras, na sua percepção, podem levar a uma perda da especificidade científica e resultar em generalidades; já o segundo leva ao risco do comprometimento da credibilidade do pesquisador. Um aspecto de destaque aqui é que Ramos não chega a ser incisivo nas suas colocações, inclusive mencionando que pode haver na verdade uma maior necessidade de apreensão de sua parte. O próprio Couto traz na introdução uma visão contrária à crítica feita sobre a “multimetodologia” e “multidisciplinaridade”. Trata-se, entretanto, de um artigo valioso para que os próprios pesquisadores atentem para os pontos que carecem de maior explicação em seus trabalhos.

O quarto artigo, *A César o que é de Deus: análise discursivo-ecossistêmica do slogan publicitário-político: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"*, assinado por Samuel de Sousa Silva, tem a pretensão de contribuir para a solidez e validação da ADE como uma nova Análise do Discurso fundamentada na Ecologia, para isso analisando o enunciado da campanha presidencial de 2018. O autor explica que a análise na perspectiva ecossistêmica não pode ser apenas de conteúdo, mas deve atravessar o texto, o que implica ver o objeto a partir de suas inter-relações e sua relação com a totalidade. Sendo assim, o slogan é analisado em sua inscrição histórica e ecossistêmica.

No enunciado há dois grupos em oposição, Brasil e Deus x tudo e todos, em que o primeiro está em posição de ascensão subjugando o outro. Trata-se da nação e da religião em posição de sujeito, acima da "massa" que ocupa a posição de objeto. Trata-se de um slogan cunhado por um grupo de nacionalistas da época da ditadura militar, acrescido da ideologia religiosa, que culmina na relação do cristofacismo com o bolsonarismo. Em uma perspectiva ecossistêmica, é preciso analisar as inter-relações que compõem o bolsonarismo: há um lento processo discursivo utilizado para tirar a humanidade do “outro” – neste caso representado por “todos” e “tudo”, sem uma identidade definida, o que vai contra os princípios da visão ecológica de mundo (VEM). Por fim, esse processo não apenas leva ao desequilíbrio do ecossistema discursivo-político, como também do ecossistema maior que é o Brasil.

O quinto artigo, *Florestas '(im)plantadas' e o discurso 'verde' do agronegócio: um olhar sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecossistêmica*, de Gilberto Paulino de Araújo, traz uma reflexão acerca da “defesa” do meio ambiente. Segundo o autor, o assunto não é mais uma preocupação exclusiva dos movimentos sociais, mas, ao mesmo tempo, não é refletido nas práticas sociais. Para explicitar seu argumento, recorre ao que é publicizado pela mídia em nome dos setores do agronegócio, que difundem o agro como a base política-econômica do país e diluem o aspecto ambiental em meio a fatores como riqueza e crescimento.

O uso do termo "florestas plantadas" pelo agronegócio leva a uma reflexão sobre as definições de "floresta", que normalmente não abarcam a complexidade dos ecossistemas. Os setores monocultores se dizem sustentáveis por expandirem as "florestas plantadas", sendo que o monocultivo de espécimes visa sobretudo ao lucro e é incompatível com floresta e sustentabilidade. Ao analisar o discurso da "economia verde" a partir dos princípios da defesa da vida, luta contra sofrimento evitável, diversidade e visão de longo prazo, conclui-se que o discurso é inconsistente, pois desconsidera a complexidade dos ecossistemas e a inter-relações entre diferentes formas de vida.

O sexto artigo é intitulado *A presença da linguística em livros didáticos de ensino médio: uma proposta pela Análise do Discurso Ecológica*, de autoria de Davi B. Albuquerque. Visa a investigar a presença da teoria linguística em livros didáticos (LD) de Ensino Médio (EM), verificando os discursos existentes nessas obras. Segundo o autor, o LD é elaborado de acordo com a política governamental vigente, o que o torna instável e nem sempre articulado com as preocupações do ensino. Na teoria, com o advento dos PCNs e da BNCC, a Linguística passou a ganhar espaço no EM com a inserção das temáticas de letramento, gêneros textuais/discursivos, variação linguística e análise linguística, tornando os alunos críticos a respeito das necessidades sociodiscursivas.

Entretanto, na prática, estudos sobre LD em outras vertentes da AD concluíram que os LDs perpetuam visões excludentes, possuem um caráter prescritivo e não articulam Linguística e Gramática. O autor destaca que, ao se fazer uma análise na perspectiva da ADE, é preciso focar no lado positivo e valorizar o conteúdo em detrimento da forma, o que implica encarar todas as mudanças – desde a inserção de conteúdos até a nova modalidade do EM – sob uma "ótica de boas intenções", mas sem deixar de lado o olhar crítico. Dessa forma, o autor encerra suas reflexões propondo o que chama de "solução híbrida", que seria um equilíbrio entre o tradicional e a inovação, com espaço para o conhecimento linguístico e o extralinguístico.

O penúltimo artigo do volume, *A vulnerabilidade comunicativa em audiências do juizado especial cível à luz da Análise do Discurso Ecológica*, é assinado por Tadeu Luciano Siqueira Andrade. O artigo apresenta diálogos possíveis entre a ADE e o Direito Processual, para isso analisando uma audiência, parte de um processo relativo ao consumo. O autor explica que a vulnerabilidade faz parte das relações jurídico-consumeristas porque o cidadão comum não convive com a norma jurídica e sua linguagem hermética. É reconhecida pelo Código de Defesa do Consumidor (CDC) e influenciada por questões sociais, políticas, culturais e econômicas.

É analisada uma audiência relativa a um celular adquirido por um carpinteiro na Bahia. O aparelho apresenta defeito, o carpinteiro encaminha para a assistência técnica da loja e, um tempo depois, o problema volta a persistir. Sendo assim, o autor da ação pleiteia a restituição do valor pago pelo aparelho. É relatado que, durante a audiência, a barreira da linguagem jurídica faz com que o carpinteiro passe de interlocutor a apenas ouvinte, pois não há a compreensão necessária para que ele possa de fato interagir. Só quando o juiz "traduz" as informações apresentadas pelos advogados da loja que a função social da linguagem é de fato cumprida, havendo uma adaptação mútua, conforme os preceitos da ADE. Após a discussão do caso, o autor encerra com a reflexão de que a ADE pode ser aplicada ao Direito, levando a uma visão ecológica a respeito da vulnerabilidade e da justiça.

Por fim, o último artigo de Ubirajara Moreira Fernandes, *Breve histórico da jovem Análise do Discurso Ecológica*, se propõe a reconstituir a trajetória da ADE a fim de tornar sua história conhecida. Trata-se de um texto curto que, ao contrário dos demais, não aplica os preceitos teóricos a casos concretos, mas faz um levantamento do que já foi produzido até então.

O primeiro registro que se tem da ADE é de 2013, quando se constatou a necessidade de uma disciplina específica para tratar do texto-discurso, o que vai além do que é proposto pela Linguística Ecológica (LE). O primeiro livro inteiramente dedicado à disciplina é publicado em 2015 (Couto; Couto; Borges, 2015), trazendo considerações teóricas e exemplos de análises. Logo em sequência, surge o nome que perdura até hoje, *Análise do Discurso Ecológica*, por sugestão de Arran Stibbe, e também há a primeira defesa de dissertação. Outros marcos importantes são mencionados, tais como a antologia de 2016 (Couto; Couto, 2016) e o livro de 2021 (Couto; Fernandes, 2021), bem como artigos da *ECO-REBEL*, o próprio *Boletim do GEPL* e demais produções acadêmicas.

ECO-REBEL

Enfim, o autor é minucioso na sua pesquisa e traz várias referências a respeito da ADE que podem facilmente ser consultadas no próprio texto. Por fim, conclui que se trata de uma disciplina inovadora por ser genuinamente ecológica, parte da ciência da vida. Após este artigo, na última seção do volume, há a menção a três resenhas já publicadas de livros referentes à ADE, todos inclusive mencionados no decorrer do volume, com a respectiva indicação dos autores e *links* de acesso.

Um aspecto a ser observado é que vários dos textos presentes no volume apresentam a ADE como parte da LE. Por se tratar de uma teoria em constante desenvolvimento, antigos conceitos são revistos e novos conceitos são introduzidos quando necessário, o que de forma alguma compromete a credibilidade da disciplina, mas apenas enriquece a discussão teórica e comprova que de fato se trata de uma vertente ecológica, sempre aberta a novos influxos do ecossistema. Tendo isso em mente, em Couto e Ramadan (2024), há uma discussão acerca da ADE estar vinculada à LE, afinal ambas partem da Ecologia e por isso compartilham conceitos e a visão ecológica de mundo. Entretanto, para as autoras cada uma se desenvolveu de acordo com seus objetivos e objetos de estudo, tendo agora existência independente de modo que uma não necessariamente é parte da outra, o que vai de encontro aos trabalhos anteriores, segundo os quais ADE é uma subteoria da LE. Trata-se de um aspecto importante a ser levado em consideração em futuros trabalhos.

O ponto forte do número em questão é, sem dúvida, a ordem estratégica dos textos. Com um intrigante poema de abertura e uma introdução objetiva, o número contém três artigos consideravelmente mais teóricos, seguidos de quatro artigos com aplicações práticas e, por fim, um texto que não necessariamente apresenta informações ou análises novas, mas faz um retrospecto de muito valor da disciplina. Os textos mais teóricos servem tanto como apresentação para aqueles ainda não familiarizados com a disciplina, tanto como retomada para aqueles que já se depararam com ela em algum momento. Os artigos que apresentam análises de situações concretas são extremamente bem selecionados, visto que perpassam por textos-discursos de diferentes âmbitos – político, midiático, escolar e judiciário – evidenciando assim que a teoria de fato é relevante para todo e qualquer discurso, não se restringindo apenas a questões ambientais. Por fim, vale ressaltar aos interessados que há muito material adicional e de fácil acesso a ser consultado sobre ADE, cujas referências podem ser encontradas no próprio volume. Para os incrédulos que pensavam se tratar de apenas mais um “-eco modismo”, os 11 anos de existência da disciplina, o rico número aqui apresentado e os demais trabalhos que continuam a ser produzidos e publicados comprovam que, como uma ciência da linguagem e da vida, a ADE já tem o espaço mais do que validado, tendendo apenas a se expandir e conquistar mais espaço.

Referências:

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; RAMADAN, Maria Ivoneti. *Análise do discurso ecossistêmica: teias e trilhas do ecossistema mental*. Campinas: Pontes Editores, 2024.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do (orgs). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

ECO-REBEL

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Coleção: Linguagem e Sociedade vol. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Aceito em 20 de julho de 2024.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 10, N. 2, 2024.